

**UM OLHAR PARTICIPANTE SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS
ESTUDOS FRONTEIRIÇOS NO BRASIL: ENTREVISTA COM A Prof.^a.
DR^a. ADRIANA DORFMAN: (UFRGS)**

**A PARTICIPATORY PERSPECTIVE ON THE CONSTRUCTION OF
BORDER STUDIES IN BRAZIL: INTERVIEW WITH PHD. ADRIANA
DORFMAN: (UFRGS)**

**UNA PERSPECTIVA PARTICIPANTE SOBRE LA CONSTRUCCIÓN
DE ESTUDIOS DE FRONTERA EN BRASIL: ENTREVISTA CON EL
PROFESORA DRA. ADRIANA DORFMAN: (UFRGS)**

Adriana Dorfman

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

adriana.dorfman@ufrgs.br

Tomaz Espósito Neto

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

tomazneto@ufgd.edu.br

Claudio Vitor Cardoso da Silva

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

claudiovitorufgd@gmail.com

Entrevista realizada em Dourados-MS, na manhã do dia 20 de setembro de 2023 concedida ao Prof. Dr. Tomaz Espósito Neto (UFGD), transcrita por Claudio Vitor Cardoso da Silva, mestrando em Fronteiras e Direitos Humanos (UFGD). Revisada por Adriana Dorfman em fevereiro de 2025 e aceita para publicação em dezembro do mesmo ano. Editoração e revisão técnica, editores da Revista Entre-Lugar.



REVISTA ENTRE-LUGAR:

Professora, muito obrigado. Para começar, agradeço a sua disponibilidade de estar aqui presente. A senhora poderia, por favor, fazer um breve comentário sobre a evolução dos Estudos Fronteiriços? Quais, na sua opinião, foram os principais autores e o centro de produção de conhecimento nas áreas de fronteira?

ADRIANA DORFMAN:

Muito obrigada pelo convite. Vou falar a partir da minha experiência, que não é tão objetiva, mas que é fortalecida por quatro décadas de pesquisa e mesmo de militância pela consolidação desse campo de estudos. Preciso de um esclarecimento: estamos falando na escala mundial? ... na escala nacional?... Na escala da América do Sul? Vamos definir primeiro qual é o recorte em que pensar a evolução dos Estudos Fronteiriços.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Sim, escala nacional.

ADRIANA DORFMAN:

A primeira vez que eu ouvi a expressão “Estudos Fronteiriços” foi nas discussões que antecederam ao Tratado de cooperação entre Brasil e Argentina¹, precursor do MERCOSUL, dentro do debate abrangente sobre cooperação, integração, blocos econômicos. Era o momento de abertura política, pós ditadura, refluxo das teorias de segurança nacional. Lembremos que a primeira eleição para presidência, pós-ditadura, foi em 1989.

Em 1988 aconteceu em Porto Alegre o Colóquio de Estudos de Fronteira. Esse primeiro colóquio teve pelo menos mais duas edições. O segundo Colóquio aconteceu em 1992, em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, Brasil e em Rivera, no Uruguai. Esse é um evento que ficou marcado, porque dele resultou um livro² que contém o texto

¹ Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, entre a República Federativa do Brasil e a República Argentina, DL 98.177/ 1989.

² T. M. Strohaecker, A. Damiani, N. O. Schaffer, N. Bauth, V. S. Dutra (org.). **Fronteiras e espaço global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998.



mais lido, referencial, da professora Lia Osório Machado³, o famoso “Fronteiras, limites e redes”. Depois o texto foi para a internet, dentro do site do Grupo Retis da UFRJ⁴. Então, a minha percepção é de que nesse momento surgem com mais força os Estudos Fronteiriços.

Óbvio que existem trabalhos anteriores sobre fronteiras no Brasil⁵. Tem, por exemplo, a tese de livre docência na UFMG de Gervásio Rodrigo Neves. Esse pesquisador foi meu professor na graduação em Geografia na UFRGS, em 1984. Ele escreveu, em 1976, uma tese chamada “A fronteira gaúcha”⁶. Era uma grande ousadia, porque ele chamava de fronteira gaúcha à fronteira nacional naqueles tempos de segurança nacional. Ainda que ele trabalhasse com modelos, geografia quantitativa, isso me chamou muito a atenção.

Em 1992, quando a Lia Osório escreve, ela parte da diferenciação entre fronteiras e limites, como um conceito bipartido, que destaca a ambiguidade da fronteira: a integração, a troca, por um lado, e a separação, por outro. Ela remete essa ambiguidade à história e à etimologia das palavras. Sempre pensando em termos territoriais, uma fronteira seria o estar frente a frente com o outro, e o limite seria o fim, o encontro com o vazio além do território. Essa ambiguidade está presente, conceitualmente, nos trabalhos franceses, que são muito marcantes para as Ciências Humanas brasileiras, também nos trabalhos alemães. A Lia trabalha com esses dois aspectos porque era impossível naquele momento falar só de fronteira enquanto transfronteiriço, enquanto região fronteiriça, era importante trazer esse contraponto do controle estatal, né? Ainda que, para uma pessoa que se forme estudando as fronteiras do Rio Grande do Sul, e mesmo do Brasil, seja difícil

³ Rio de Janeiro, 1940. Doutora em Geografia pela Universidad de Barcelona (1989). Professora e pesquisadora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979-2010). Atualmente aposentada, foi pesquisadora 1-A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico até 2017.

Em 1994 implantou e assumiu a coordenação do Grupo RETIS. Pesquisa a Amazônia, fronteiras, a geografia das drogas e o sistema financeiro internacional e história do pensamento geográfico (<https://www.geografia.ufrj.br/lia-osorio-machado/>).

⁴ <http://www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/1998-Limites-fronteiras-redes-LOM.pdf>

⁵ Uma boa fonte sobre os primórdios (a partir da República) dos estudos sobre fronteiras é Sprandel, M. A. Breve genealogia sobre os estudos de fronteiras e limites no Brasil. In: Oliveira, R. C. de; Baines, S. G. (Orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. v. 1. Brasília: Editora UNB, 2005.

⁶ NEVES, Gervásio Rodrigo. **Fronteira gaúcha** (fronteira do Brasil com o Uruguai). 1976. 230 f. Dissertação (Livre-docência) - Pós-Graduação, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1976.



distinguir fronteiroço de transfronteiroço, na medida em que nossa experiência é de fronteiras abertas, com trocas orgânicas, capilares, como veio a se adjetivar a partir do texto também referencial do Armand Cuisinier-Raynal⁷.

O que eu observo a partir de pesquisas cientométricas é que a formulação bipartida tenta dar conta de aspectos complementares da fronteira, sendo o limite um aspecto subsidiário da fronteira. Quase nunca se trabalha com limites *strictu sensu*. Quase sempre, as pessoas estão falando de fronteira e aí falam também desse aspecto de separação formal, o limite.

A partir da década de 1990 aconteceram em Porto Alegre vários encontros com foco nas fronteiras culturais. Eles eram promovidos pela Maria Helena Martins, que já é falecida. Ela era professora de Literatura e filha do Cyro Martins, escritor, médico, psicanalista. Junto com ela estava a Ligia Chiappini, professora de Literatura também, mas em Berlim. A partir desses eventos foram se organizando pesquisas, livros, vinham pesquisadores, políticos, artistas, forjando um campo interdisciplinar, intertextual, muito engajado.

Num desses encontros, o professor Tito Machado de Oliveira estava presente e foi maravilhoso. Ele é realmente uma pessoa com muita experiência, diferente daquela que eu via no Rio Grande do Sul e depois, no Rio de Janeiro, quando fui para o mestrado. A experiência do Tito era de planejamento aplicado, de construção de políticas para a fronteira internacional. Certamente, ele contribuiu muito com sua postura propositiva. Eu acho que ele é uma das maiores influências na Geografia acadêmica.

Aqui cabe uma nota biobibliográfica. Eu trabalhei Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, entre 1994 e 2001. É um colégio muito importante, foi criado em 1832 com a missão de ser uma referência para o ensino no Brasil, estabelecer currículos. Intelectuais muito importantes como Fernando Raja Gabaglia⁸ e o Carlos Delgado de Carvalho⁹, seminais para a Geografia e o estudo das fronteiras brasileiras, por exemplo, foram

⁷ CUISINIER-RAYNAL Arnaud, La frontière au Pérou entre fronts et synapses. **L'Espace géographique** 2001/3, tome 30, p. 212-230.

⁸ Fernando Antônio Raja Gabaglia (1895-1954) publicou, por exemplo, "As Fronteiras do Brasil" em 1918 como tese para o concurso para a cadeira de Geografia do Colégio Pedro II.

⁹ Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1894-1990), dito "pai da Geografia Moderna no Brasil", estabeleceu os primeiros livros escolares da disciplina no Brasil. Publicou sua "Introdução à Geografia Política" em 1929.



professores lá. A escola tem uma biblioteca muito boa de Geografia em que havia o livro “Géographie des frontières”, de Jacques Ancel, de 1938. Ali ele vai trazer também essa distinção entre fronteiras e limites. E outros clássicos de Geografia Política, no geral trabalhando a partir do binômio fronteira/limite. No campo da geopolítica temos, evidentemente, autores de extração militar, como o general Meira Mattos ou o diplomata Álvaro Teixeira Soares. Esses escreviam e demarcavam. Mas não se identificavam com o campo dos Estudos Fronteiriços. Vejam que estou distinguindo estudos sobre fronteiras e o campo teórico, no sentido dado por Bourdieu, dos Estudos Fronteiriços.

REVISTA ENTRE-LUGAR

Por favor, fale um pouco mais da sua experiência.

ADRIANA DORFMAN:

Fiz mestrado na UFRJ com a orientação da Lia, entre 1991 e 1995. Também, fui aluna da professora Bertha Becker naquele momento. Em termos de autores brasileiros, melhor dizendo, autoras, são nomes de grande destaque. Elas trabalhavam com o conceito de fronteira, estudavam a Amazônia. Na verdade, elas se ocupavam do *frontier*, não era a fronteira da segurança nacional, a fronteira do estado, a fronteira do limite do território do estado, e sim a fronteira de expansão, a frente de expansão, a frente pioneira. Quando eu cheguei no Rio (no Brasil, por metonímia), tomei o maior choque. Porque até então, para mim, fronteira se referia à fronteira internacional, do Brasil com o Uruguai, com Brasil com Argentina por exemplo. Já de saída precisei de uma construção teórica para conseguir distinguir esses dois sentidos do conceito.

A diferenciação passa, novamente, por pensar as escolas: as escolas europeias trabalham com a fronteira do estado-nação (*Grenzen*, *frontières*, *borders*) e as escolas americanas se colocam a questão do *frontier*. Aqui uma anedota: muitas vezes eu puxo a orelha dos meus alunos quando, na hora da tradução para o inglês, num *abstract* por exemplo, traduzem fronteira internacional por *frontier*. É passar atestado de que faltou inglês ou faltou leitura!!!

Como já deu para notar, sou totalmente convencida da influência do lugar, da experiência, no pensamento, nas preocupações teóricas de cada pesquisador e



pesquisadora. Todos estamos cientes de que os conceitos mudam ao longo da história, mas poucos prestam atenção à geografia do pensamento.

Evidentemente é uma generalização, mas é possível dizer que os pesquisadores que estão baseados ou trabalham nos centros, seja Rio, São Paulo, ou ainda Brasília, vão propor leituras do território e da fronteira na escala do estado brasileiro. Já pessoas que trabalham em Londres ou Paris pensarão que suas fronteiras representam a dinâmica do mundo todo. E nós que trabalhamos nas periferias proporemos estudos de caso, que parecem menos relevantes num primeiro olhar, por serem mais localizados. Só que esse olhar hierarquizante e generalizador é equivocado, porque nas fronteiras temos situações muito diversas e muito importantes. Acredito que as nossas fronteiras têm muito a contribuir para a compreensão da fronteira na escala global, das diferentes manifestações de fronteira.

Além da Lia, a Bertha trabalhou nesse sentido, de frente de recursos. Só no início do século XXI, a Lia faz uma virada para a fronteira internacional. Ela parte da Amazônia, sua área de pesquisa, pensando em tráficos, trânsitos legalizados e ilegalizados.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Como assim?

ADRIANA DORFMAN:

No caso da Lia e da Bertha, a relação era com a Amazônia e com a expansão do território usado, para usar um conceito de Milton Santos, para discutir como o território do estado incorpora áreas para uso econômico, integração política etc.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

... e os centros de pesquisa?

ADRIANA DORFMAN:

Primeiro cabe lembrar que eu sou geógrafa, meu olhar privilegia essa disciplina, ainda que eu leia e respeite os colegas das Relações Internacionais, da Antropologia, da Literatura, da História etc. Na minha visão, e os estudos que faço reiteram isso, o maior



centro, o mais tradicionalmente influente, agora vivendo um renascimento, é Grupo Retis. Isso por conta da participação no Plano de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF) e por conta da centralidade acadêmica da UFRJ. Além disso, foram dos primeiros a ter um site atraente no ar. Com certeza, ali se organizou um grupo com uma contribuição muito relevante para os estudos sobre e de fronteira.

Não por acaso o grupo leva esse nome, Retis, ou seja, redes. A fronteira seria uma das diferentes dimensões do que esse grupo trabalharia. Acabou tendo destaque por conta do impacto que teve na política pública. O estudo da fronteira teve, há alguns anos, um momento de refluxo, quando a Lia a se aposentou. Agora o grupo segue com a Rebeca Steiman e com o Licio Caetano do Rego Monteiro, ambos professores na UFRJ. Essa continuidade nos traz expectativas de que siga sendo um centro de destaque.

O Mestrado de Estudos Fronteiriços da UFMS (MEF-UFMS), em Corumbá-MS é muito relevante. Ele já nasceu dentro da proposta de ser um centro de Estudos Fronteiriços. Ele é fruto de uma das propostas pelo Plano de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF). E a cada dois anos temos o Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços (SEF) que agora está indo para a nona edição. São pessoas que têm uma abertura muito grande para trocas com outros centros, grupos, entre outros. É um momento de contatos, os projetos vão surgindo Vêm pesquisadores de outros países, como mexicanos do El Colegio de la Frontera Norte (COLEF), os chilenos do Instituto de Estudios Internacionales da Universidad Arturo Prat (INTE), no Chile. Vêm também os argentinos do Grupo de Estudios sobre Fronteras y Regiones (GEFRE), pessoas dos Estados Unidos, gente da Associação de Estudos Fronteiriços (ABS). Foi a partir do SEF que se fundou a Associação Latinoamericana e Caribenha de Estudos Fronteiriços (ALEF). Muitas publicações são organizadas a partir desse evento... É um momento especial, esperado.

O MEF-UFMS, assim como o Retis, mostram o diferencial da localização. O MEF sofre por sua localização periférica. Então, ele é marginal, é distante. Para dar um exemplo, uma vez eu convidei o Emmanuel Brunet-Jailly para um SEF, mas desisti porque o colega teria quatro dias de viagem de avião, conexões, trocando fuso, viajando dezenas de milhares de quilômetros. Por outro lado, viver na fronteira leva a ocupar-se do tema centralmente. De novo, a geografia do pensamento.



Tem um centro muito importante pela produção e pela dinâmica de formação de pesquisadores que é o LAFRONT (Laboratório de Pesquisa, Ensino e Extensão “Fronteiras, Estado e Relações Sociais”). Esse é liderado pelo é Eric Cardin (UNIOESTE). Também é ligado ao Programa de Pós-Graduação, Stricto Sensu, em Sociedade, Cultura e Fronteiras da UNIOESTE. Ainda falando dos centros acadêmicos e de sua localização, Foz do Iguaçu tem, além do LAFRONT, muita gente produzindo na UNILA. E o IDESF (Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de Fronteiras) do Luciano Stremel Barros também tem um papel importante na articulação de diferentes setores, um leque que recobre as forças de segurança, o empresariado e, marginalmente, a academia.

Quase esqueci de falar do UNBRAL Fronteiras (Portal das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras) da UFRGS, que eu coordeno ¹⁰. O UNBRAL Fronteiras foi fruto do III Seminários de Estudos Fronteiriços (SEF) em 2011. No SEF sempre tem um momento de discussão entre os pesquisadores. Estávamos naquela clássica discussão: “vamos fundar uma revista? Não vamos fundar uma revista?” Não vou aprofundar, noutro momento podemos falar sobre publicação em Estudos Fronteiriços. Eu achava complicado porque as pesquisas estão dispersas, e a internet traz uma profusão de coisas. Se tu não tens um direcionamento, a busca no Google vai te entregar o que ele quer. Não algo embasado em alguma relevância, alguma importância. No SEF surgiu a proposta de um repositório de trabalhos sobre fronteiras. Para que a pessoa que fosse estudar saúde na fronteira em Roraima, por exemplo, pudesse ter acesso aos trabalhos já feitos em outras universidades sobre o tema.

O portal foi filho da política pública para fronteiras, pois recebemos o recurso para montar a estrutura do repositório através de um termo de descentralização de recursos do Ministério da Integração Nacional (MIN). Assim também, no período subsequente, com a diminuição da importância de qualquer coisa que não fosse segurança na fronteira, o Unbral andou claudicante, mas agora estamos tentando voltar, ultrapassar os limites estatais e conseguir incorporar trabalhos latino-americanos.

¹⁰ <https://www.ufrgs.br/unbralfronteiras/>



REVISTA ENTRE-LUGAR:

Aproveitando esse contexto, você poderia falar um pouquinho da sua trajetória acadêmica? Como os Estudos Fronteiriços entraram na sua vida, na sua agenda de pesquisa e trabalho? Como você percebe a evolução do seu trabalho ao longo do tempo? Se possível falar quais foram os pontos de inflexão? Como foi o seu caminho na carreira acadêmica? Quais foram suas maiores referências nesse período?

ADRIANA DORFMAN:

Bom, eu nasci em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, em 1965. Fronteira lá é uma palavra trivial, que não tinha, jamais teve, conotação negativa, tensa ou securitizada. Além de ser uma região (“eu vou para a Fronteira), é um lugar legal, folclórico, histórico também. É um lugar para passar bem, comer comidas gostosas, fazer compras diferentes e baratas, falar uma língua que é diferente, mas compreensível, que não intimida.

Em 1986 eu estava no meio da graduação em Geografia na UFRGS e veio um professor alemão chamado Werner Mikus fazer pesquisas em cidades da fronteira. Ele era colega de um professor nosso, o Arno Lehnen, uma pessoa viajada, com conexões internacionais. Precisavam de estagiários para coleta de dados e nos convidaram para essa pesquisa, eu, a Susana Oliveira, a Erika Collischon, o Enrique Padrós. Fomos para Santana do Livramento, para Jaguarão, para Quaraí, cidades gêmeas na fronteira do Brasil com o Uruguai, respectivamente com Rivera, Rio Branco e Artigas. Fomos contar quantos carros e pessoas passavam pelas pontes, quantificar fluxos, entrevistar esse e aquele. Foi uma experiência ótima, superdivertida. A fronteira é muito legal até hoje. Vale muito a pena ir para Livramento e Rivera, porque realmente é um lugar extraordinário. A figura 1 mostra eu (esq., no Brasil) e a Suzana (dir., no Uruguai) numa foto clássica dessa fronteira, no marco da Praça Internacional. Foi tirada por um lambe-lambe, *a la minute*, aqueles fotógrafos de espaços públicos de antigamente. Ele fez uma intervenção na imagem, colocando as etiquetas com os nomes dos países para tornar visível o que não se pode fotografar nesse lugar, isto é, o limite da soberania nacional.



Figura 1: Pesquisadoras no marco de fronteira em Santana do Livramento-Rivera (1986)



Fonte: arquivo pessoal de Adriana Dorfman, 1986.

Daí o tratado de cooperação entre a Argentina e o Brasil foi assinado. Eu era estagiária na Secretaria de Planejamento do RS. O secretário na época era o Cláudio Accurso, uma pessoa excelente. No momento de fazer o TCC, escolhi trabalhar integração e ele apoiou o trabalho de campo na fronteira do Brasil com o nordeste argentino, nas províncias de Corrientes e Misiones. Fui e coletei muito material, entrevistei muita gente, escrevi meu TCC em 1987¹¹, me formei em 1988 no bacharelado (eu já tinha terminado a licenciatura em Geografia em 1987).

Naquele momento o Brasil vivia a década perdida, o salário estava muito baixo, as perspectivas não eram muito atraentes. Por isso e por outras razões pessoais, me formei e logo embarquei para Nova York, onde trabalhei, juntei dinheiro e fui viajar pelo mundo, no que hoje se chama mochilão. Fui para a Tailândia, para o Nepal, Índia, Israel.

Voltei para o Brasil em 1990 e logo fui fazer mestrado. Em Porto Alegre só tinha especialização, então me inscrevi na seleção para a UFSC e para a UFRJ. O projeto tinha

¹¹ "A Integração Brasileiro-Argentina e seus Reflexos no Espaço Gaúcho". Esse trabalho não está disponível online.



a ver com o TCC, com integração regional. Passei para a UFRJ, me mudei para o Rio, onde fiquei por 11 anos. A Lia estava chegando do doutorado na Espanha, eu já gostava de Geografia Política desde a graduação. Então a dissertação foi sobre as mudanças na produção de trigo no Brasil diante do novo espaço econômico gerado pelo Mercosul¹².

A pergunta de pesquisa era essa: antes se produzia trigo no Rio Grande do Sul, com a justificativa estratégica de que a autonomia alimentar é uma necessidade geopolítica. Com o ocaso das questões da segurança nacional e a ascensão da integração econômica, com a diminuição das barreiras comerciais, cria-se um espaço ampliado que coloca a produção argentina de trigo (melhor, com mais produtividade, mais barata) com as mesmas tarifas que incidem sobre a produção brasileira (gaúcha). Então a pergunta era: o que vai acontecer com a produção de trigo brasileira? Do ponto de vista teórico, era Geografia Política e Econômica e integração, blocos, globalização. Em termos metodológicos, era um exercício de escalas geográficas, o que me marcou muito como heurística e organiza minhas análises até hoje.

Descobri que a diminuição da produção de trigo no Rio Grande do Sul quase não tinha a ver com o Mercosul, tinha a ver com o estado mínimo, com o neoliberalismo. Com a diminuição dos subsídios que antes existiam, ligados às relações pessoais que alguns dos produtores de trigo tinham com figuras no governo. Se justificava pela segurança nacional e autonomia alimentar, com frases como “um povo que não se alimenta, não pode ter Independência”, que foi um conceito importante na nossa história política de ex-colônia. Numa análise menos ideológica, esses argumentos apareciam como “nacionalismo de ocasião”, ou o que hoje eu chamo de gestão de soberania.

Esse projeto me trouxe uma forma de pensar o estado, ver que não é monolítico, um ente com desejos, uno e com projetos de crescimento, realista. Ficou evidente que o estado é povoado por atores que avançam seus interesses, uma visão meio gramsciana de blocos no poder, num sentido político de uso da estrutura do estado, tanto na regulação

¹² “Escala regional e estratégias nacionais: a triticultura gaúcha e o MERCOSUL”. Esse trabalho não está disponível online. Pode-se consultar o seguinte texto para as principais conclusões da dissertação: Dorfman, Adriana. Mercosul and the wheat crops in Brazil: Changes in production studied through geographical scales. *The European Geographer*, 9: 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/7444360/Mercosul_and_the_wheat_crops_in_Brazil_Changes_in_production_studied_through_geographical_scales



quanto na própria infraestrutura. Por isso passei a grafar estado com minúscula, numa tentativa de desnaturalizar essa organização política.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

E o Doutorado?

ADRIANA DORFMAN:

Tinha voltado a morar em Porto Alegre depois de 11 anos no Rio. Acabei o mestrado, tive meu filho maravilhoso, hoje internacionalista, o Rodrigo. Como trabalhava na rede de ensino federal, consegui me redistribuir para o Colégio de Aplicação da UFRGS, minha mãe estava precisando de cuidados.

Não tinha doutorado em Porto Alegre em 2001. O projeto que apresentei seguia pensando na fronteira em suas diferentes escalas. Fiz na UFSC, fui orientanda da maravilhosa Leila Christina Dias, que já tinha sido minha professora na UFRJ, numa disciplina chamada Redes Técnicas e Organização do Território.

O projeto discutia a fronteira como lugar, como recurso, como possibilidade, como estratégia – a fronteira como descontinuidade que promete. Um olhar construcionista ou construtivista compatível com o entendimento sofisticado, latino-americano e brasileiro, de território. Me explico: entendemos o território em múltiplas escalas. Em outras tradições teóricas, eles têm que ficar se batendo contra a armadilha territorial, contra um entendimento realista do território e, consequentemente, da fronteira. Nós, menos. A gente já vê que o território existe em função de uma construção dos agentes. Talvez pela nossa realidade, que muda diante de nossos olhos, muito em função de projetos de poder. A gente experiencia o demarcar a fronteira, a construção das redes, e isso é 100% o sistema territorial proposto pelo Claude Raffestin. A multiterritorialidade, como o Rogério Haesbaert aprofundou, marca nosso entendimento de fronteira, e faz com que nossa produção tenha uma relação com o território na escala local. Ai também foi possível entender os diferentes usos da palavra fronteira e a carga moral que recai sobre as ilegalidades.



O título da tese era “Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais”.¹³ Eu usava muitas fontes diferentes, foi muito interessante conhecer a literatura, a música, pensar em como cada lugar influi nas representações. Eu me perguntava sobre o papel que o contrabando tem para os moradores de fronteira, para além do folclore. Um tema muito desafiador, cercado de silêncio. Daí nasceu o conceito de “condição fronteiriça”¹⁴.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Você pode falar um pouquinho do seu trabalho dentro do Grupo Retis e de outros trabalhos marcantes?

ADRIANA DORFMAN:

Eu fui apenas colaboradora do Grupo Retis, até porque saí do Rio de Janeiro em 2001 e o Retis surgiu em 2003, dois anos depois de eu voltar para Porto Alegre. Me chamaram pela proximidade afetiva com as pessoas de lá, mas eu diria que eu tenho é uma admiração.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

E o Unbral?

ADRIANA DORFMAN:

O Unbral começou comigo e com o Alexandre Semeler, que era um bibliotecário voltado muito para a questão da cientometria. Como eu disse, a ideia começou no SEF. Também me inspirei em ideias que ouvi circulando em outros eventos. Por exemplo, em 2013, no Border Regions in Transition, um evento bacana que acontece principalmente

¹³ <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92493>

¹⁴ “A condição fronteiriça é entendida aqui como um *savoir passer* [saber passar] adquirido pelos habitantes da fronteira, acostumados a acionar diferenças e semelhanças nacionais, linguísticas, jurídicas, étnicas, econômicas, religiosas que ora representam vantagens, ora o cerceamento de trânsito ou direitos. Evidentemente, deve-se duvidar de uma condição fronteiriça universal, haja vista a variedade de relações que podem existir entre os fronteiriços e o território estatal a sua frente e as suas costas: o que temos idealizado aqui diz respeito à fronteira viva e vivida”. Dorfman, Adriana. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: D. Nascimento; J. P. Rebelo. **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2013



nas fronteiras europeias. Naquele ano o BRIT foi na fronteira da França e da Bélgica, tinha um palestrante, um senhor francês, aduaneiro experiente, que afirmou que a fronteira é um banco de dados. Foi essa pista que eu segui.

Há dez, quinze anos, não tínhamos bancos de dados tão desenvolvidos como hoje, nem a vida acadêmica tinha se transformado num eterno preenchimento de plataformas eletrônicas e formulários (lattes, sucupira etc.). Não tínhamos tantos indexadores nem essa atenção à bibliometria que temos hoje. A pergunta era como isso tudo funcionava, com a intenção de aprender construindo, fazendo um banco de dados. Vamos testar? Quais são os problemas? O que a gente pensa que está dando conta? Não está? Porque quando a gente botar a mão na massa, a gente vê que dá, né? Um repositório não sobre pessoas e mercadorias que circulam, e sim sobre nossos trabalhos.

O que aprendi nesse processo de tentativa e erro é que a construção dos dados também é uma construção social. Que fazemos escolhas a priori, e é muito importante ter consciência delas. O Unbral permitiu pensar em como abrir a caixa preta dos dados, em que parece que tudo é muito evidente, científico e objetivo; na realidade, é totalmente baseado em escolhas. Por exemplo, o que é a fronteira e o que pertence a um repositório sobre Estudos Fronteiriços? Então em 2014 a gente fez um questionário para perguntar aos experts em Estudos Fronteiriços o que é a fronteira.

Por exemplo: a globalização é uma discussão sobre fronteiras? E a migração? A gente fez esse questionário para responder essas perguntas sem arbitrar para a comunidade. A proposta era construir juntos o Unbral, de baixo para cima, engajar as pessoas. Tivemos uma resposta ótima. A gente enviou o questionário para umas 300 pessoas, 100 pessoas responderam. Tem um artigo que explica tudo isso lá no primeiro anuário do projeto¹⁵.

Como foi feito esse questionário? Adotamos a escala de Likert (“concordo completamente, concordo parcialmente, indiferente, discordo parcialmente, discordo completamente”) e fizemos perguntas assim: “Você considera que os estudos migratórios

¹⁵ DORFMAN, Adriana; MONTE MEZZO, Vitor; FRANÇA, Arthur Luna Borba França. Circunscrição temática do Unbral Fronteiras a partir da análise do questionário para Experts em Estudos Fronteiriços. In: DORFMAN, A. (org.). Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2014. Porto Alegre: Letra1; Instituto de Geociências - UFRGS, 2015. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150004/000974891.pdf?sequence=1&isAllowed=y>



fazem parte do campo dos Estudos Fronteiriços?” “Você considera que estudos que tratam da questão ambiental em regiões de fronteira pertencem aos Estudos Fronteiriços?” “Você considera que trabalhos históricos sobre regiões que hoje são fronteira pertencem ao campo dos Estudos Fronteiriços?” Era para saber o que incluir no repositório.

“Você considera que a segregação urbana pertence aos Estudos Fronteiriços?” Essa é mais difícil, né? Porque a gente vai ampliando o conceito, mas não quer renunciar à conexão entre fronteira e limite do território do estado, né? Eu considero que sim. O resultado foi o gráfico que reproduzo aqui (figura 2).

Figura 2: Circunscrição temática do termo fronteira (2014)



Fonte: Dorfman, Monte Mezzo, França, 2015, p. 23.

No centro, o que é consenso e na periferia, as questões emergentes ou em decadência. Porque o nosso entendimento sobre fronteiras varia com o lugar e com o tempo que vivemos. Tratei disso num texto dessa época bastante lido, aquele que fala da condição fronteiriça, muito baseado na discussão feita na tese¹⁶.

¹⁶ Ver nota 14.



Espero me animar e buscar um financiamento para fazer um novo questionário e atualizar esse gráfico. Eu tenho minhas hipóteses, mas não vou definir para os outros. Um tema que creio ser muito mais central hoje é o da mobilidade humana, veremos...

Já houve época em que se falou no fim das fronteiras. Também se questionou se os Estudos Fronteiriços constituem um campo. Vamos adiante na “batalha” pelos Estudos Fronteiriços, que é muito interdisciplinar, muito polissêmico, sem um único método. O que sei é que o debate sobre fronteiras é muito relevante, muito rico e florescente.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Voltando à pergunta sobre a trajetória ...

ADRIANA DORFMAN:

Falar de trajetória é observar o que já passou... Penso que o momento mais marcante da minha trajetória foi o doutorado no início dos anos 2000, quando me converti completamente aos Estudos Fronteiriços. Também, muito mudou quando comecei a dar aula no Departamento de Geografia da UFRGS, em 2011.

Porque como mulher, fui levando, me dividindo entre o trabalho e a vida familiar. Defendi o mestrado em 1995 e tive o primeiro filho em 1996. Cinco anos depois, quando o meu filho já estava maior, eu fui fazer o doutorado. Quando acabei o doutorado, tive meu segundo filho. Fiz o concurso para o ensino superior amamentando. É assim que funciona. A vida acadêmica e a vida familiar são totalmente costuradas, sempre divididas. Mas considero importante não ser apenas uma acadêmica, quero minhas noites, meus finais de semana, minhas férias. Sou uma trabalhadora que preza pelos nossos direitos.

Voltando... O tema do mestrado era muito ligado aos aspectos econômicos, uma discussão sobre barreiras comerciais, comércio internacional e regiões produtoras de trigo. O doutorado foi pensado na perspectiva da multiterritorialidade e da multiescalaridade, com muito trabalho de campo. Se aproximava da Antropologia, da História, da Literatura, da Linguística e por isso era realmente geográfico.

A marca do lugar ficou evidente na maneira como se usa a palavra “contrabando”. É uma palavra carregada, reveladora, que trai juízo de valor. Esse juízo de valor tem uma geograficidade, tem uma classe, tem um aspecto profissional. Isso eu experimentava todo



o tempo. No campo, falar em contrabando era fechar portas, ninguém quer conversar sobre, porque já se parte de uma criminalização. A não ser que esteja falando com a polícia. Geralmente, a polícia também não vai falar muito, porque são saberes deles, e eles também valorizam seu sigilo. E tem as metáforas do contrabando. Por exemplo, se você tem uma amante, pode dizer que tem um contrabando.

Outro exemplo pode ser dado por um livro chamado “Los contrabandistas de la memoria”, de um psicanalista francês chamado Jacques Hassoun, que fala sobre questões intergeracionais e transgeracionais, memórias ocultas que a gente vai recebendo dos pais, coisas que eles não dizem e que, no entanto, a gente experimenta. Movimentos não declarados, mas relevantes.

Como percurso nos estudos sobre a geografia do contrabando: primeiro eu estudei o contrabando de pequena escala, pequena monta, muito reconhecido culturalmente. No trabalho de campo ficou nítido que esse contrabando folclorizado era um jeito de legitimar os outros muitos contrabandos. Do “comércio formiga” pode-se falar abertamente, até era dito “comércio de subsistência”, coisa de pobres coitados que estão se virando. Do grande contrabando também pode-se falar, referindo-se a atores de outros lugares, que apenas passam por essa fronteira como poderiam recorrer a outras mais convenientes em cada momento. O comércio feito pelos poderosos do lugar, pessoas próximas e influentes é que é silenciado. Então pensei que seria interessante seguir justamente nessa direção, e parti para o próximo tema de pesquisa.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Qual foi ...?

ADRIANA DORFMAN:

Fui estudar o contrabando de agrotóxicos. De novo, a palavra vai revelando: pode ser chamado de agrotóxico, de defensivo. Na Argentina até se usa o termo fitoterápico. Por trás de cada nome, uma posição discursiva. No fim, eu descobri que o contrabando



de agrotóxicos que nem é tão volumoso, é mais uma forma de atribuir valores morais a certos produtos, criminalizando-os. São agendas de setores industriais¹⁷.

Olha que eu sou totalmente agroecológica, contra o uso de agrotóxicos. Eu só como orgânico, sou freguesa assídua da feira da José Bonifácio, pertinho de casa em Porto Alegre. Carrego caneca de metal e garrafas de plástico para não fazer lixo. Mas não vejo o problema tão diferente se o agrotóxico atravessar a fronteira.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Depois, você estudou o cigarro, o contrabando de cigarro ...?

ADRIANA DORFMAN:

Que encrenca fantástica é o cigarro. O que impressiona no cigarro é o volume. Impossível esse contrabando ser feito por atores individuais, esse fluxo de milhões de maços de cigarro diariamente para o Brasil. Foi pensando em como se organiza esse mercado que propus o conceito de “gestão de soberania”, entendido como o uso de estruturas administradas pelo estado de acordo com interesses privados em diferentes escalas, em diálogo com as “mercadorias políticas” do sociólogo Michel Misse¹⁸.

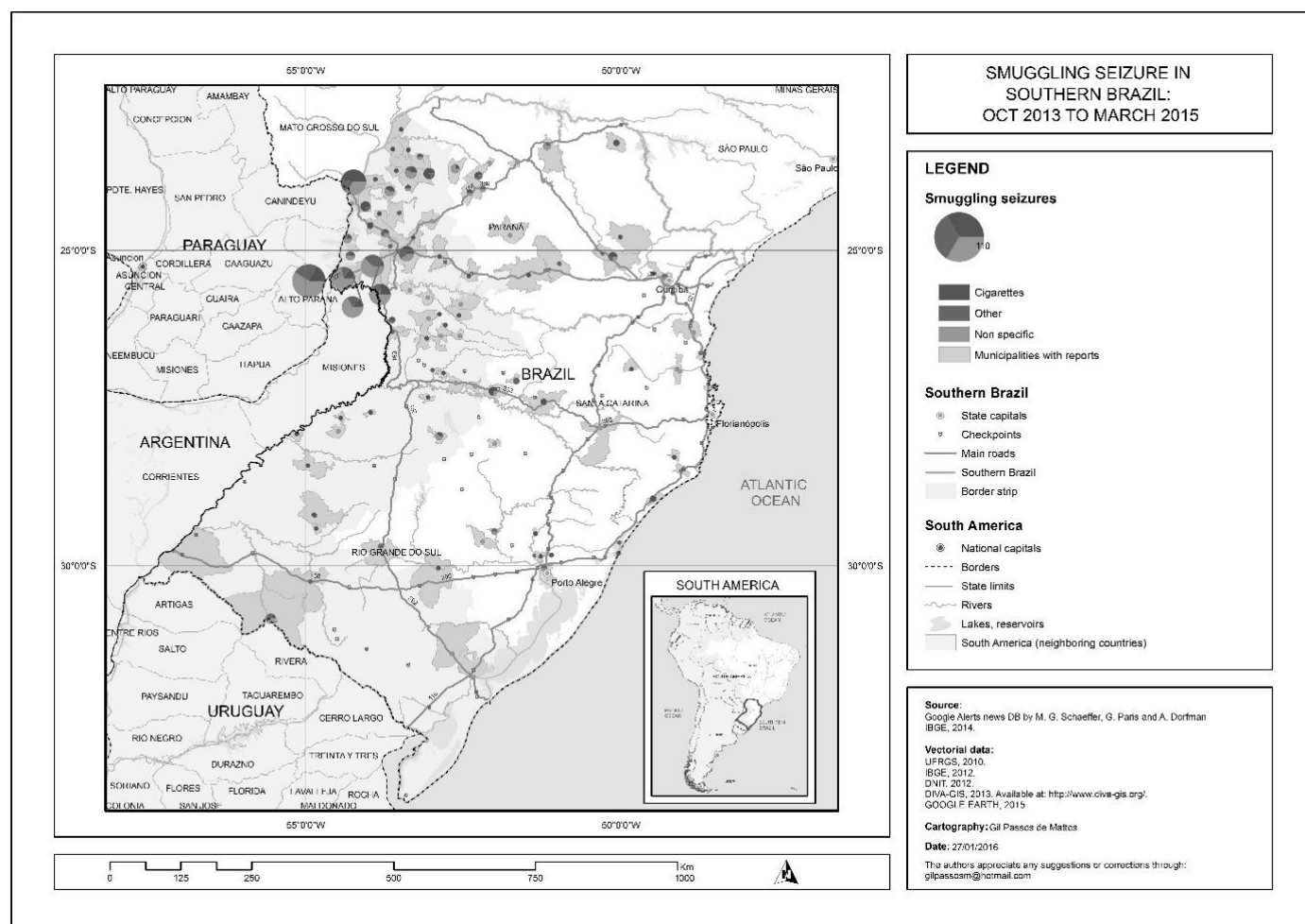
Outra coisa que a pesquisa revelou é que os dados sobre contrabando são, na verdade, dados sobre a estruturação do estado: as motivações para essa produção e comércio são o câmbio ou as barreiras comerciais e sanitárias, as estratégias de transporte têm descontinuidades na fronteira, as principais rotas são as estradas federais, os principais pontos de apreensão são, na verdade, os lugares de controle, como postos e barreiras policiais, os lugares de destino são primeiro as periferias e depois os centros das metrópoles nacionais (figura 3). Essa conclusão apareceu no processo de cartografar e permitiu ver que o contrabando não produz um território diferente daquele dos estados, e sim uma interterritorialidade, um território referido nos territórios estatais.

¹⁷ Dorfman, A.; Rekowsky, C. Geografia do contrabando de agrotóxico na fronteira gaúcha. *Revista Geografica de America Central* (Online), v. 2, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820144.pdf>

¹⁸ Dorfman, A., França, A. B. C., & França, R. F. (2017). Political Commodities and Sovereignty Management: Cigarette Smuggling across Brazil's Southern Borders. *Geopolitics*, 22(4), 863–886. <https://doi.org/10.1080/14650045.2017.1356288>



Figura 3: Apreensões de contrabando no Sul do Brasil, outubro de 2013 a março de 2015.



Fonte: Dorfman, França e França, 2017, p. 16.

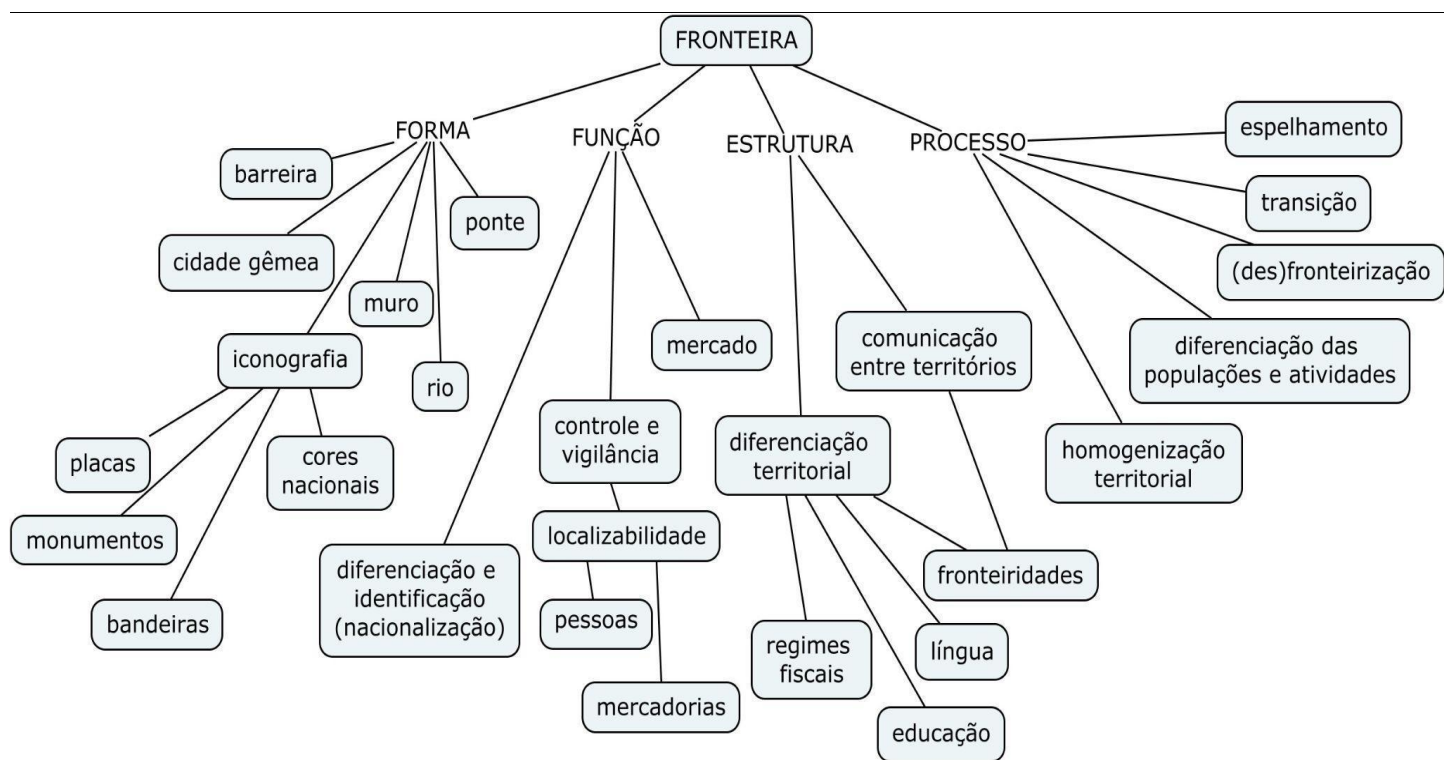
No pós-doutorado que fiz na USP entre 2022 e 2024, com o Ricardo Mendes Antas Jr. propus estudar os eletrônicos, acabei focando nos smartphones. Os celulares vêm de outros países, especialmente da China para Paraguai e do Paraguai para o Brasil e entram na vida da gente, seja como produto acabado ou como partes que serão montadas. As peças atravessam as fronteiras e ligam o comércio ilegal à indústria. Fiz trabalho de campo na fronteira com o Paraguai. Fiz trabalho de campo na China, no fim de 2023. Agora imagina a dificuldade de obter dados nesse campo na China.

Isso me permitiu pensar nas funções da fronteira. É possível pensar numa fronteira entre o Brasil e a China? A resposta é que sim, podemos pensar na fronteira em diferentes manifestações e para isso eu recorri à proposta de análise espacial do Milton Santos, das



categorias de forma, função, estrutura e processo¹⁹. Cheguei então à análise espacial da fronteira, isso veio também do diálogo com orientandos como o Samuel Bracagioli, a Janaína Teixeira, a Luana Casagrande, o Marcelo Duarte, entre outros. Um resumo dessa proposta está na figura 4.

Figura 4: Categorias da análise espacial da fronteira



Fonte: tradução de Dorfman, Duarte, Casagrande, no prelo²⁰

Hoje eu vejo a fronteira como multiescalar e multiforme, situada e histórica. Novas dúvidas surgem, talvez seja a direção das pesquisas futuras, se bem que eu já tenho mais de 40 anos de perguntas... A relação do Paraguai com o Brasil, pelo amor de D'us, como nunca se negociou a diferença de tarifas entre os dois países? A quem interessa essa descontinuidade? No plano teórico e retomando o sistema territorial do Raffestin, quais

¹⁹ Santos, M. (1985). Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

²⁰ Dorfman, Adriana; Duarte, Marcelo Bergamin, Casagrande, Luana. Milton Santos en condición fronteriza: los dos circuitos de la economía urbana y las categorías de análisis espacial. Si Somos Americanos. No prelo.



são os atores que incidem na produção dos territórios fronteiriços? Qual o papel da natureza na produção das fronteiras e vice-versa?

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Como o processo de interiorização do ensino superior pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) levou a um processo de ampliação dos Estudos Fronteiriços? A UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), a UFRR (Universidade Federal de Roraima), a UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), entre outras expandiram as análises das diversas fronteiras, certo?

ADRIANA DORFMAN:

Tem toda razão. E existiu um transbordamento da produção científica para a formação e formatação de políticas públicas para as regiões de fronteira. É um movimento de mão dupla, não só da academia para a sociedade, mas vice-versa.

Fizemos uma pesquisa sobre os trabalhos acadêmicos sobre a fronteira, os lugares de origem dos autores, e as verbas para pesquisa. A quantidade de estudos sobre a fronteira é distinta nas unidades da federação. Ficou muito evidente que as verbas para pesquisa dirigidas para estados na fronteira são fonte de muito conhecimento sobre o tema. Os estados que mais recebem recursos de pesquisa não se localizam na fronteira. Os estados na fronteira não produzem muito. Mas as pesquisas mais volumosas sobre o tema são feitas na própria faixa de fronteira.²¹

Quais são os estados que se destacam como lugares de produção sobre a fronteira? O Mato Grosso do Sul, em primeiro lugar. Porque, além dos recursos de financiamento que examinamos, teve uma história mais longa, uma produção relevante, mesmo que a expansão do sistema universitário para regiões de fronteira, naquele momento, ainda não tivesse mestrados e doutorados estabelecidos com teses defendidas. Existe um tempo de maturação, demora um pouco para o investimento dar frutos e retornos. Mas ficou

²¹ Dorfman, Adriana; França, Arthur Luna Borba Colen & Rocha, Rafael Port da. Dinâmicas temáticas, disciplinares, espaciais e temporais dos Estudos Fronteiriços no Brasil: teses e dissertações (2000-2014). **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras**, vol. 3, p.11-50, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170022/001050995.pdf?sequence=1&isAllowed=y>



marcado que recursos para pesquisa em estados de fronteira geram pesquisas para, na e da fronteira.

Recursos de pesquisa são política pública. E as pesquisas influenciarão as políticas públicas. O PDFF certamente trouxe alguns termos que a gente usa, correntemente. Por exemplo, cidade gêmea já existia na literatura há bastante tempo, naquele trabalho do Gervásio nos anos 1970 já se usava, nos textos de um francês chamado Raymond Pébayle dessa época também se falava nas cidades gêmeas. Mas depois do PDFF virou até lei, quando se legislou sobre a instalação de freeshops nas cidades gêmeas.

Depois a gente vai ter, num outro momento, uma mudança de foco, com o Plano Estratégico de Fronteiras (PEF). Se o PDFF visava o desenvolvimento regional, o PEF aborda a segurança na fronteira. Acontece que o PEF também envolveu um grande estudo, com uma equipe bem maior até que a do PDFF. Muita gente foi chamada a pensar sobre a segurança na fronteira. Isso impactou muito a produção acadêmica.

Outras ações estatais, por exemplo o Projeto Escola Intercultural Bilingue de Fronteira (PEIBF), influem no conhecimento e a prática na região. Isso ficou bem evidente no livro que organizamos, o “Ensinando Fronteiras”²². São saltos na produção, viradas na maneira de teorizar fronteira, colocados pela necessidade de agir e de refletir sobre o que se faz. Da mesma forma com o SIS Fronteira, o programa para a saúde para a população fronteiriça, quando se construíram laços. Com a pandemia, tudo mudou de novo e tivemos uma explosão na produção sobre o controle.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Quais são os desafios e as oportunidades para a produção de conhecimento e de políticas públicas sobre e/ou nas fronteiras? E quais temas você acredita são emergentes? E as metodologias que você identifica como as mais presentes ou emergentes ou mais adequados para desenvolvimento da pesquisa?

²² Dorfman, A.; Filizola, R.; Félix, J. M. (Orgs.) Ensinando Fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade. Porto Alegre: Editora Letra1; Editora Diadorim, 2021, 351 p. Disponível em: <https://www.editoraleta1.com.br/epub/9786599023460/9786599023460.pdf#page=1>



ADRIANA DORFMAN:

Os desafios principais para os Estudos Fronteiriços no Brasil são ligados à dois aspectos, eu penso. O primeiro aspecto é a influência, muito grande, de teorizações de outras origens geográficas. A gente tem uma fronteira que, na maior parte dos casos, não é xenófoba, não é fechada, não é obsessivamente controlada. Se trata de uma construção social coletiva de grande valor, exemplar mesmo.

A gente vive um momento de fechamento das fronteiras no mundo, exemplificado pela questão dos muros, em especial o muro dos Estados Unidos com o México. Também temos as múltiplas barreiras na Europa para os imigrantes. Isso impacta fortemente na maneira como a gente vai conceber a fronteira aqui, apesar de a nossa experiência ser outra.

Vou fazer um parêntese histórico aqui. Nas guerras de independência na América do Sul, as fronteiras, muitas vezes, são a chave para construir uma diferença entre territórios que, de outra maneira, não poderiam ser distinguidos.

Países da América do Sul que falam espanhol têm uma história de povoamento, a língua, as paisagens e várias outras características compartilhadas. O que vai criar, muitas vezes, a diferença entre um e outro? São as guerras de e na fronteira. Esses conflitos têm uma funcionalidade na narrativa nacional. Aqui no Mato Grosso do Sul certamente se fala muito sobre isso, a Guerra do Paraguai é central na definição do Paraguai enquanto um estado. Então, esse é um primeiro momento.

Depois a gente vai ter um momento de preocupação com a segurança nacional, em que a fronteira é distante, é um tampão. A hipótese de conflito baseada na memória da fundação nacional dos nossos países foi alimentada pelo que aconteceu na Segunda Guerra Mundial. Além disso, se tratava da demarcação da “grande” fronteira” que foi a Cortina de Ferro.

Quando a bipolaridade e o que ela implicava em termos de militarização da fronteira retrocede um pouco, quando se acelera a globaliza, a gente consegue ver a fronteira como um lugar de encontro. Porque enquanto se colocavam esses soldados para assegurar e marcar a fronteira, as pessoas lá naqueles lugares irrelevantes precisavam se encontrar de alguma maneira e se abastecer, conviver. Então, se criou essa coisa muito ambígua, que é ao mesmo tempo a separação e o encontro. O encontro, de maneira geral,



é um encontro bacana, frutífero, criativo, é instrutivo. Culturalmente rico, traz soluções para as carências locais, num limite tênue entre o legal e o ilegal, combinando o estatal e o local. A ponto de a gente hoje ter uma carteira de fronteiroço, por exemplo, com o Acordo Sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas (ALFC), uma política que foi sendo replicada em diferentes lugares.

Essa ideia do encontro é prevalente agora, mas a integração tem sido muito minada pela questão da criminalidade, que substitui segurança nacional por segurança pública. É a famosa bisagra (dobradiça em espanhol) de que falava a Gladys Bentancor.²³

Para o Brasil, a gestão da fronteira é uma coisa complexa, porque de maneira geral, a gente fala das coisas que estão entrando no Brasil. Mas, a gente não fala muito de quem é que está fazendo entrar as coisas no Brasil, e são grupos de brasileiros que se articulam além-fronteira para viabilizar suas transações. Esse processo reencena o expansionismo que os vizinhos sempre temeram. Toda América do Sul sempre teve medo e representou o Brasil como expansionista. Então esse é um desafio para a política pública para fronteira.

A cidadania na fronteira tem de emergir de uma maneira mais pacífica e mais inclusiva, menos segregada. Para todo mundo, principalmente para quem está na fronteira, esse é um grande desafio. Eu tenho uma resposta. Quem me ensinou isso foi a Regina Coeli Machado e Silva, pessoa com quem eu adoro conversar sobre fronteiras. Ela trabalha na Unioeste de Foz do Iguaçu. Ela sempre cita o Bourdieu. Fala na “mão esquerda” do estado. É da “mão esquerda” do estado que a gente precisa. Precisa mais saúde e mais educação. Precisa de mais defesa dos direitos humanos, das mulheres e de todas as minorias. Acho que isso aí, é a chave para construir essa sociedade.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Como você observa o incremento dos estudos sobre migração/refúgio nas fronteiras?

²³ “Mesmo nos casos em que não estão disponíveis todos os elementos para torná-lo possível, as ferramentas articuladoras existem, e seu funcionamento sistêmico está latente, são verdadeiras dobradiças sempre potencialmente aptas a se abrirem.”. BENTANCOR-ROSÉS, Gladys Teresa. **El espacio cotidiano fronterizo a traves de las estrategias de vida de uruguayos y brasileños en Rivera-Livramento**. 2002. 205 f. Dissertação (Mestrado) Ciencias Humanas, opção Estudios Fronterizos, Universidad de la República, Montevideo, 2002, p.18.



ADRIANA DORFMAN:

Essa fusão entre os Estudos Fronteiriços e os estudos migratórios é algo importante. Pode estar chegando a hora de renomear o nosso campo como Estudos Fronteiriços e Migratórios

Muitas populações fronteiriças vivem em migração permanente, pendular. Outros grupos se instalam em diferentes fronteiras. Então, nós temos populações que sabem acionar a condição fronteiriça para seus projetos. Temos também migrantes e refugiados que se valem das fronteiras terrestres, menos controladas que os portos e aeroportos, para suas mobilidades. Por isso é mais interessante falar de mobilidades humanas, porque há o lugar de partida, o de chegada, os pontos intermediários, novos deslocamentos, percursos, trajetórias... O desafio metodológico está na interface entre os dois: a fronteira e a mobilidade.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Que outros temas emergentes você pode listar?

ADRIANA DORFMAN:

As fronteiras marítimas são um desafio importante para nós. Um mestrando meu, o Samuel Bastos Bracagioli está estudando as fronteiras marítimas numa perspectiva ambiental²⁴. A gente começa pensando a fronteira marítima a partir da soberania do estado, de uma demarcação sobre quem tem a autoridade jurídica sobre cada lugar. Mas o Tratado do Alto Mar estabelece que partes dos oceanos não podem ser territorializadas por esse ou aquele estado e que sua gestão deve ser global, um pouco parecido com o Tratado da Antártida. Gestão sem soberania. Então como vai ficar isso? O desafio que se coloca é teórico, mas ele é muito mais prático, porque as mudanças globais exigem essa gestão. E sem território soberano, qual a função das fronteiras? Quem vai gerir essas áreas?

Outro desafio é entender como pode se construir a participação política na fronteira. Porque localmente temos uma sociedade bi ou trinacional, em que apenas uma

²⁴ Bracagioli, Samuel Bastos. Fronteiras marítimas: soberania e ambiente numa perspectiva brasileira. 2024, 115 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFRGS.



fração da população tem cidadania e direito a votar. Na escala das unidades da federação, há a prioridade para as relações federativas e poucos governos investem em paradiplomacia. E na escala nacional, a fronteira tem uma população pequena, com pouco peso nas eleições. Acredito que essa é uma das razões pelas quais tantas vezes se culpa a fronteira por problemas como a covid, o tráfico de drogas ou armas, o contágio e a criminalidade de modo geral. É uma estratégia discursiva que busca externalizar nossos problemas sociais. Eu estive na banca de mestrado do Federico Fornazieri, ele trouxe uma solução muito boa. Ele chama a atenção para a necessidade de construir uma democracia participativa nas regiões de fronteira, uma vez que os canais representativos têm limitações em todas as escalas.²⁵

A questão ambiental é um desafio urgente nas fronteiras. Por serem mais afastadas dos holofotes, menos povoadas, essas regiões muitas vezes se tornam espaços de sacrifício.

Cada vez temos que estar mais atentos às metodologias. Acredito que esse é o centro da ciência, o que diferencia nosso trabalho de uma reportagem ou de uma obra ficcional. O importante é, de todas as maneiras necessárias, apresentar os pressupostos, documentar os procedimentos, explicar os fatos, as formas usadas para produzir os dados. Temos que mostrar como chegamos ao resultado. Essa é uma tarefa nossa como professores, orientadores e pesquisadores. Ensinar, dar o exemplo e cobrar.

Ainda no sentido dos desafios à pesquisa em fronteiras, é indispensável fazer uma revisão bibliográfica criteriosa para saber o que já existe sobre tema, sobre o lugar, também para saber quais foram as metodologias usadas. Isso nos fará avançar como um grupo, em diálogo.

Seria interessante incorporar os diferentes gêneros textuais nas pesquisas sobre fronteira. Pesquisas mais livres, expressões multiformes e multigêneros, para expressar a diversidade da experiência da fronteira.

São muitos temas, muitas possibilidades, um mundo.

²⁵ Fornazieri, Federico Martí da Rosa. Para além das fronteiras da política externa brasileira. Participação social na formulação de uma política externa subnacional: o caso do Rio Grande do Sul. 2024, 150 p. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da UFABC.



REVISTA ENTRE-LUGAR:

Por fim? Qual mensagem você deixaria para os futuros estudiosos interessados nos Estudos Fronteiriços?

ADRIANA DORFMAN:

A fronteira nunca termina, é complexa, é interessante. É importante compreender e trabalhar para mostrar que é um lugar muito diferente das fantasias nacionalistas que a representam como uma linha de corte além da qual está o outro a ser suprimido, afastado, punido. Quem se dedica ao tema tem o dilema de pensar esse lugar como um problema de segurança nacional, de segurança pública. Temos também dificuldades para obter dados e trabalhamos com um objeto marginal por definição.

Temos muitas vantagens. O campo é muito dinâmico, não tem tédio nos Estudos Fronteiriços. Os trabalhos de campo sempre são internacionais, o que nos ensina muito sobre os diferentes regimes legais, as culturas nacionais diversas e em diálogo, a terceira margem, como alguns nomeiam.

Existe um aprendizado ético e moral intrínseco ao estudo da fronteira. A descontinuidade e o encontro dos diferentes nos leva a questionar sobre quem tem direitos (os migrantes?), o que é o trabalho (o contrabando?), quais são nossas afinidades e identidades?

Persistam, vamos juntos. Estamos juntos.

REVISTA ENTRE-LUGAR:

Obrigado, acho que você colocou uma série de questões que vão nos fazer refletir.

REFERÊNCIAS

BENTANCOR-ROSÉS, Gladys Teresa. **El espacio cotidiano fronterizo a traves de las estrategias de vida de uruguayos y brasileños en Rivera-Livramento**. 2002. 205 f. Dissertação (Mestrado) Ciencias Humanas, opção Estudios Fronterizos, Universidad de la República, Montevideo, 2002.



BRACAGIOLI, Samuel Bastos. **Fronteiras marítimas: soberania e ambiente numa perspectiva brasileira**. 2024, 115 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFRGS.

CUISINIER-RAYNAL Arnaud, La frontière au Pérou entre fronts et synapses. *L'Espace géographique* 2001/3, tome 30, p. 212-230.

DORFMAN, Adriana; FRANÇA, Arthur Luna Borba Colen & ROCHA, Rafael Port da. **Dinâmicas temáticas, disciplinares, espaciais e temporais dos Estudos Fronteiriços no Brasil: teses e dissertações (2000-2014)**. Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras, vol. 3, p.11-50, 2017. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170022/001050995.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

DORFMAN, Adriana; DUARTE, Marcelo Bergamin, CASAGRANDA, Luana. **Milton Santos en condición fronteriza: los dos circuitos de la economía urbana y las categorías de análisis espacial**. *Si Somos Americanos*. No prelo

DORFMAN, Adriana., França, Arthur. B. C., & França, Rafael F. (2017). **Political Commodities and Sovereignty Management: Cigarette Smuggling across Brazil's Southern Borders**. *Geopolitics*, 22(4), 863–886. 2017. <https://doi.org/10.1080/14650045.2017.1356288>

DORFMAN, Adriana.; Rekowsky, Carmen. **Geografia do contrabando de agrotóxico na fronteira gaúcha**. *Revista Geografica de America Central (Online)*, v. 2, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820144.pdf>

DORFMAN, Adriana; MONTE MEZZO, Vitor; FRANÇA, Arthur Luna Borba França. **Circunscrição temática do Unbral Fronteiras a partir da análise do questionário para Experts em Estudos Fronteiriços**. In: DORFMAN, A. (org.). *Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2014*. Porto Alegre: Letra1; Instituto de Geociências - UFRGS, 2015. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150004/000974891.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

DORFMAN, Adriana. **A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil**. In: D. Nascimento; J. P. Rebelo. *Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2013



DORFMAN, Adriana. **Mercosul and the wheat crops in Brazil: Changes in production studied through geographical scales.** The European Geographer, 9: 1995.

Disponível em:

https://www.academia.edu/7444360/Mercosul_and_the_wheat_crops_in_Brazil_Changes_in_production_studied_through_geographical_scales

DORFMAN, A.; FILIZOLA, Roberto; FÉLIX, Julian. M. (Orgs.) **Ensinando Fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade.** Porto Alegre: Editora Letra1; Editora Diadorim, 2021, 351 p. Disponível em: <https://www.editoraleta1.com.br/epub/9786599023460/9786599023460.pdf#page=>

FORNAZIERI, Federico Martí da Rosa. **Para além das fronteiras da política externa brasileira. Participação social na formulação de uma política externa subnacional: o caso do Rio Grande do Sul.** 2024, 150 p. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da UFABC.

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

SPRANDEL, M. A. Breve genealogia sobre os estudos de fronteiras e limites no Brasil. In: Oliveira, R. C. de; Baines, S. G. (Orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras.** v. 1. Brasília: Editora UNB, 2005

STROHAECKER, A. DAMIANI, N. O. SCHAFFER, N. Bauth, V. S. Dutra (org.). **Fronteiras e espaço global,** AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998

Recebido em março de 2025.

Revisão realizada em outubro de 2025.

Aceito para publicação em dezembro de 2025.

